

## ENTREVISTA

### OLÍVIO JEKUPÉ: ETNIA E TRADIÇÃO NA ESCRITA DE UM POVO

Francis Mary Rosa<sup>1</sup>

Logo quando comecei minhas pesquisas no universo até então desconhecido da literatura de autoria indígena, o autor Olívio Jekupé foi um dos primeiros escritores que pululavam nas páginas virtuais dos sites de pesquisa ao lado de palavras como resistência e visibilidade política dos povos ancestrais. Meu interesse de estudo perpassava exatamente por um tipo de escrita de representação indígena que conseguisse dialogar com uma outridade ocidental e a sacralidade da palavra presente nos povos nativos.

Natural de Itacolomi, no Paraná, nasceu em 1965 sendo descendente de indígenas por parte de mãe (de origem Guarani-Nhandeva) e pai natural de Rio de Pires (BA). Jekupé foi estudante de filosofia na Pontifícia Universidade Católica do Paraná e na USP, onde as dificuldades de toda ordem o impediram de concluir o curso. Iniciou sua carreira como escritor em 1984 com poemas, contos e depois romances. É também presidente da Associação *Nhe'e Porá* na aldeia Krukutu, no estado de São Paulo, onde mora com sua família. Além das obras publicadas no Brasil onde se destacam *O saci verdadeiro* (2000), *Xerenkó Arandu: a morte de Kretã* (2001) e *Literatura escrita pelos povos indígenas* (2009). Teve vários de seus contos publicados na Itália na coletânea *Indiografie* (primeira coletânea publicada por autores indígenas na Europa) em 2006.

Sendo oriundo de um mundo marcado pelo hibridismo cultural, onde um dado modelo de globalização tende a eliminar as diferenças culturais, a escrita do autor é marcada por um sentimento de pertencimento e de valorização da tradição de seu povo. Suas narrativas, bem definidas em sua alteridade, também postulam a busca por uma identidade e pela constituição de uma indianidade que caminhe lado a lado com uma busca por empoderamento, por um direito a uma identidade étnica e a vivência desta diferença. Pelas palavras do próprio autor,

---

<sup>1</sup> Mestranda Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural da Universidade Estadual da Bahia na linha de pesquisa Literatura, Produção Cultural e Modos de Vida. Pesquisa a produção literária de Olívio Jekupé como uma literatura menor. Endereço eletrônico: francismrosa@hotmail.com.

percebe-se o desejo de constituir, ou melhor, de gritar a própria história. E é exatamente este o espírito geral de uma literatura de autoria indígena: engajar a própria voz, deslocar a representação da imagem de uma miríade de povos em um mundo colonizado. Essa apropriação/deslocamento do universo gráfico quiçá semiótico do mundo ocidental pela palavra escrita indígena é a rememoração das ruínas e o estabelecimento de novas possibilidades de trocas linguísticas, antropológicas e culturais.

Contatado por mim, Jekupé se pronunciou prontamente em colaborar para efetivação desta entrevista ao presente dossiê temático, respondendo gentilmente às questões indicadas por e-mail. Assim, procurei trazer algumas questões com as quais pudéssemos esclarecer aos leitores pontos pertinentes sobre a temática tratada pelo autor, assim como nos aproximar um pouco mais da palavra — em sua polissemia sagrada — destes escritores, destes povos e da outridade de uma tradição.

## **ENTREVISTA:**

1) Na sua concepção, o que é uma literatura indígena?

R- Literatura indígena na verdade sempre existiu, pois os não índios sempre escreveram sobre nós, mas sempre do jeito deles, por isso eu não gosto de falar que escrevo literatura indígena e por isso é que eu sempre falei que escrevo literatura nativa, eu vejo muitos livros que escrevem sobre tal povo indígena e quando nós indígenas das aldeias olhamos esses textos, sempre observamos erros gravíssimos, por isso é que vejo literatura indígena como algo parecido, mas nem sempre certo, uma coisa genérica.

2) Como você avalia a produção literária dos escritores indígenas na atualidade?

R- Bom, eu fui um dos iniciantes desse trabalho de escritores, pois eu comecei em 1984, foi uma vida sofrida, mas eu sempre acreditava que um dia a gente ia conseguir muitas coisas e iam surgir muitos trabalhos, e hoje eu fico feliz porque existe grandes escritores e de nomes internacionais, aliás hoje até tá mais fácil pra publicar um livro, mas quando iniciei era difícil pois a gente não era nem recebido pelas editoras, a primeira vez que entrei numa editora pra entregar um texto, quem me recebeu foi o vigilante e perguntou o que eu queria, talvez ficaram com medo pensando que eu fosse um bandido, por isso sinto alegria de ver que a cada ano mais escritores indígenas vão surgindo, aliás, eu tenho dois filhos que são escritores tam-

bém, o Tupã Mirim, e o *Werá jeguaka Mirim*, que aliás ficou conhecido por fazer parte da abertura da copa onde ele soltou a pomba e em seguida tirou uma faixa e fez com que o mundo todo visse o ato dele. Pois é, meus filhos são os dois escritores indígenas mais novos do Brasil, um tem 15 anos o outro tem 13.

3) Em sua opinião, como a literatura de autoria indígena pode auxiliar na criação de visibilidade para a questão dos grupos nativos no nosso país?

R- Em primeiro lugar, existem escolas nas aldeias e os governos mandam muitos livros pra essas escolas, e os livros são muito bons, mas não pra aldeia porque esses livros se forem lidos pelas crianças, farão um estrago na cultura de cada etnia. Sei que as crianças têm que ouvir histórias indígenas mesmo, do seu povo ou de outra etnia, mas o que vemos não é isso. Por isso, só de ter livros indígenas nas aldeias já é um bom começo. Nas nossas escritas de literatura nativa, quando um autor escreve, ele escreve na sua visão e que é importante para criança ler e para os professores terem assunto para discutir com seus alunos, e faz com que essa criança valorize seu povo. Já trazendo literatura dos não indígenas, pode afetar essa criança que poderá crescer, desvalorizando seu povo.

4) Quais as principais dificuldades para se publicar uma obra de autoria indígena no mercado editorial brasileiro?

R- Bom! Primeiro, muitas editoras não têm interesse em publicar livros desse assunto, por isso a luta é difícil, mas não podemos desistir. Tem editoras que têm interesse nessa questão, por isso eu sempre procuro as que estão interessadas, mesmo sendo poucas. Outra coisa que observo é que eles tentam aceitar mais textos de indígenas urbanos, formados em faculdade, que têm um grande currículo histórico, e nisso os indígenas das aldeias, muitos passam mais dificuldades em publicar seus trabalhos.

5) Você acha que a relação de tutela mantida entre as sociedades indígenas e o estado brasileiro repercute negativamente na busca por uma autonomia política e no exercício de cidadania dos indivíduos oriundos das nações nativas?

R- Bom, hoje podemos dizer que não somos mais tutelado pela Funai, ela apenas trabalha de uma forma diferente, por isso é que temos mais liberdade, temos escolas nas aldeias, tem índios universitários, índios escritores, índios com passaporte. O povo pensa que ainda somos tutelado por isso ainda nos tratam como criança, por isso até duvidam da gente quando

mostramos nossos talentos, quando dou palestras e mostro meus livros, aí tem gente que não acredita que foi eu que escrevi o texto. Por isso muitas vezes já escutei eles dizerem, mas foi você mesmo que escreveu?

6) Percebe-se que a memória cultural na maioria das nações indígenas se baseia no ensinamento oral da tradição e há uma riqueza muito grande de formas de fazê-lo como a dança, o traçado e o canto indígena, diante disto, você acredita que se perde algo no ato da transcrição destas narrativas ancestrais?

R- Bom, a oralidade eu vejo como algo muito importante, e sei do valor que ela tem pras comunidades indígenas, mas antes não existia a escrita nas aldeias, por isso com a escrita dentro das aldeias, as pessoas começaram a escrever também, vejo que tanto a oralidade, quanto a escrita é importante dentro das aldeias. Sei que muitas coisas da oralidade se perdeu nesses séculos, por isso a escrita surge como um complemento, onde podemos registrar nossas histórias e não deixar com que ela morra, por isso temos que usar dentro da aldeia a oralidade e a escrita como forma de defesa. Por isso com a escrita podemos registra muitas coisas, até os cantos, as histórias e até acontecimentos atuais, como mortes de indígenas, ou sobre demarcação, que aliás temas difícil de ser publicado pelas editoras.

7) Seu filho foi uma das três crianças que foram convidadas a apresentar-se na abertura da copa e ao final, ele puxa uma faixa falando sobre demarcação. Nos fale um pouco deste processo de demarcação e o que significa isto para o povo guarani?

R- Pois é, o meu filho, Werá Jeguaka Mirim foi um dos 3 que estava lá na abertura, representando a aldeia krukutu do povo guarani, e fiquei feliz de saber que ele ia soltar a pomba e que eu estava muito emocionado ao saber disso, mas quanto a faixa foi uma surpresa pra mim, porque ele nem me avisou, era um segredo que só ele sabia e que não era pra contar pra ninguém, porque se a FIFA soubesse eles tomariam dele a faixa, mas foi uma guarani conhecida com Jera da comissão Guarani Yvyrupa. E esse ato que ele fez foi muito importante porque o mundo todo pode ver aquilo, até nos outros países da europa, onde no dia seguinte outras televisões vieram na aldeia pra poder falar com meu filho, e isso alegrou a todos nós indígenas no Brasil só sei que quem não gostou foi a Dilma que estava lá e viu o que meu filho fez, e a Rede Globo não mostrou o ato, e quanto ao facebook a matéria rodou ao mundo também. E espero que através desse ato do meu filho os políticos acordem porque estamos tendo pouco apoio dos políticos brasileiros.

8) Sendo originário de uma sociedade de tradição oral e ao mesmo tempo tendo passado por um processo de escolarização que valoriza a tradição letrada e ocidentalizada, como você entende o processo de produção de sua identidade em meio a estes “dois mundos” ou “duas culturas”?

R- Temos nosso mundo, mas o outro mundo existe e não temos como deixar ele de lado, a não ser que todos fossem embora do País e nós indígenas vivêssemos sozinho por aqui, mas isso é impossível e por isso temos que aprender a viver com esses dois mundos, a oralidade e a escrita, pois do contrario acredito que sem ela hoje seremos mais destruídos, pois a escrita dos não indígenas temos que saber usar dela como nossa arma de defesa.

9) Poderia nos falar um pouco sobre sua trajetória enquanto escritor?

R- Digo que sou um vitorioso porque comecei em 1984, onde eu não conhecia nenhum escritor indígena, mas sonhei muito em conseguir publicar um dia, e foi muitos anos pra mim conseguir, digo que sofri muito pra chegar onde cheguei, diferente de outros autores que vieram depois com tudo pronto e com mais facilidade pra publicar. Sempre falo que furar um buraco é difícil mas pra entrar depois que já está furado é mais fácil, por isso é que digo que fui um vitorioso, pois muitas vezes senti raiva de viver uma vida como escritor tão difícil, mas logo eu me alegrava e continuava na luta porque tinha esperança. Minha vida pra publicar algo foi tão dura que fiquei revoltado e resolvi em 1993 procurar uma editora pra publicar um livro de poesias independentes, como eu estudava na USP e a noite eu dava aula então eu aproveitei e paguei a editora pra eles publicarem meu livro uma edição de 500 livros.

10) Para finalizar, nos fale um pouco sobre seus projetos futuros.

Bom, eu tenho vários textos escritos sonhando como sempre para eu publicar e quem sabe pra esse ano uma editora me procure, e também tentar publicar mais um livro dos meus filhos pra esse ano, e pra esse ano pretendo dar varias palestras pra esse ano nas escolas ou faculdades.

Recebido em: 19 de outubro de 2014.

Aceito em: 20 de novembro de 2014.

